

A atuação dos padres no Sertão da Ressaca (Séculos XVIII- XIX)

Omundo Macário de Santana Neto
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: osmacario.neto@gmail.com

1114

Palavras-chave: Sertão. Conquista. Religião. Religiosidade. Catolicismo. Clero

INTRODUÇÃO

No alvorecer do século XIX, o arraial da Conquista era uma pequena localidade do então chamado Sertão da Ressaca, que aquele tempo, começou a se destacar devido a sua localização privilegiada entre o norte de Minas e Bahia, estabelecido como pouso obrigatório de viajantes, tropeiros e boiadeiros que ali descansavam. As tropas e boiadas das comitivas vindas das barrancas do São Francisco recuperavam o peso perdido nos trajetos do sertão, nas pastagens alugadas pelos moradores locais, e assim depois seguiam viagem. O povoamento e localização do Sertão da Ressaca lhe constituiu importante entreposto comercial entre os sertões das duas províncias, facilitando os intercâmbios entre os sertões, Recôncavo e o litoral.

METODOLOGIA

Reconhecer como o sertanejo se organizou no espaço geográfico é o principal modo de entender sua experiência religiosa em todo o sertão que nesse passado, era eclesialmente assistido pela Arquidiocese da Bahia. O clero atuou de duas formas no Sertão da Ressaca, na primeira forma não era protagonista das relações em relação aos aldeamentos, eram indígenas e colonos os responsáveis de costurar tais relações. O padre ao chegar nas fazendas e arraiais desempenhava o seu papel de cumprimento da ritualística, o índio se aceitasse o batismo, era tratado no mesmo modo que os demais sertanejos do lugar, iria assim se somar a uma classe de trabalhadores pobres que auxiliavam os colonos em uma relação sujeita a animosidades. Cabia ao colono o papel de diretor de índios, e incorpora-los a colonização. Apenas no século XIX, o clero soma-

Realização:



Apoio:



se aos colonos e índios nesse processo, um padre assume esse papel pela primeira vez no Sertão da Ressaca no ano de 1821. Não sabemos qual destino se deu ao mesmo. Em muitos documentos, João Gonçalves pede ao Estado a presença de sacerdotes para auxiliarem em sua empresa no aldeamento dos índios. Podemos afirmar que padres estiveram presentes na criação de aldeamentos em fins do século XVIII, porém pouco sabemos como atuaram nesse período. As terras da Mata do Cachimbo que ligavam o sertão na altura do Arraial da Conquista e a Região dos Ilhéus foi um dos últimos focos de trabalho missionário do Sertão da Ressaca, delegado aos padres seculares e depois aos Capuchinhos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O padre Manoel Fernandes da Costa recebeu em 1837, provisão de pároco missionário na “Missão dos índios Mongoiós da roça da Conquista de Nossa Senhora da Vitória, da Freguesia do Rio Pardo de Minas” (ANGELIS, 1994). Apesar de sua provisão ter saído em 1837, o padre Manoel Fernandes, segundo registro de 1834, e de ofícios trocados entre o Juiz de Paz do Arraial da Conquista e a Câmara da Vila de Caetité, ele é já aparece citado como “párocho dos índios do Sertão e Matas do Rio Pardo”. Segundo essas correspondências ele residiu junto aos indígenas da região, entre os rios Jequitinhonha e Pardo, e os afluentes do Rio Pardo, o Manjenon a esquerda, e o Catolé Grande a direita, atuou durante 11 anos no meio dos indígenas.

A Câmara de Ilhéus chegou a informar que para acabar com os quilombos encontrados entre a Cachoeira do Rio de Contas e a Mata da Lagoa tornava-se preciso obter a colaboração dos indígenas da Missão da Conquista da Ressaca, dirigida pelo Vigário Manoel Fernandes da Costa (p.340). O padre Manoel teria feito a paz entre os índios Imborés, e “reduzidos cerca de 100”, de indígenas dessa nação, em uma aldeia na confluência do Ribeiro Mangeron no Rio Pardo (Região hoje pertencente aos municípios de Macarani, Ribeirão do Largo e Encruzilhada). O sacerdote abria com os índios uma estrada que daria acesso ao Sul da Bahia, margeando o Rio Pardo. Sua missão teria sido possível graças a ajuda dos moradores da Colônia do Verruga, local que segundo o sacerdote em pouco tempo estava sendo mais e mais povoado pelos refugiados da fome e seca (ANGELIS, 1994).

A partir de 1842, os padres e religiosos capuchinhos, desempenharam o aldeamento dos indígenas na região. Os religiosos subiram o curso dos rios da Cachoeira, vindo de Ilhéus até chegarem a região do Cachimbo do Rio Pardo. Os capuchinhos transitaram entre as três nações e muitas das desventuras nos aldeamentos se dão decorrentes de misturar nações rivais em uma mesma comunidade. “Aumentava a população incorporada ao processo colonizador e rapidamente decrescia a população autóctone” (SILVA, 2000, p. 76). Uma civilização que se construiu entre mundos diferentes, filha da resistência e da violência mediante as alteridades. Desse processo, podemos considerar o caboclo o mestiço o sinal a ser desvendado.

Diversos padres religiosos cooperaram com os serviços de evangelização na região como o frei Manoel Francisco Luiz da Grosa, padre Lizardo Gonçalves dos Santos, Frei Serapião de Santa Clara Campos e o frei Roberto de São Gonçalo do Amarante. O trabalho realizado pelos padres Capuchinhos entre os indígenas que foram aldeados na região do Médio Rio Pardo, início com Frei Ludovico de Liorne, que atuou também na Aldeia de São Pedro de Alcântara (atual Ferradas, distrito de Itabuna- Bahia). O outro capuchinho atuante nesse período foi na missão do Cachimbo foi o frei Vicente Maria de Ascoli em 1845 (VIANA, 1980. p.9).

Os indígenas viviam um momento de grande dificuldade, pois passando os séculos das primeiras entradas no sertão da Ressaca, o processo da conquista ia os acunando para a zona da mata, e com a chegada da lavoura do cacau e a expansão da derrubada da floresta atlântica e implantação da pecuária na hoje região agropastoril, “ou eles se se identificavam com os que lhes tomavam as terras, tornando-se brasileiros e cristãos, ou seriam eliminados, de acordo com a nova política indigenista. A aceitação do batismo era para eles uma opção de sobrevivência (HAUCK, 1980 p.18).

Além de um clero presente nas vilas e arraiais mais prósperos, o Sertões, contou com um clero itinerário enviado pelo Arcebispo mediante algumas provisões: em 1812 o padre Antônio Vaz de Carvalho, recebeu “provisão de altar portátil por dois anos” (ANGELIS, 1994), no mesmo ano o Padre Caetano José Mendonça, recebeu “provisão de pregador, e na mesma (Freguesia) recebe ainda faculdade de ouvir confissões por um ano” (ANGELIS, 1994), administrando sacramentos na região até 1816. Em 1828 o Padre Manoel Fernandes registrou desobrigas, na região de Verruga (que deu origem ao

município de Itambé) e Barra da Vereda (hoje distrito de Veredinha), ambas localidades do Sertão da Ressaca.

Pela lei de 19 de maio de 1840, foi criada a Freguesia de Nossa Senhora da Imperial Villa da Victória da Conquista, conforme encontrado na documentação o nome que batizaria a cidade no século XX, está também intimamente ligado a sua padroeira. O primeiro pároco da Imperial Vila da Vitória foi o padre Cesário da Silva Matos, falecido em avançada idade. Foi substituído pelo padre José Joaquim de Andrade, que chegou a região em 1841 (ANIBAL, 1980). Em 26 de outubro de 1865, é apresentado por carta Imperial como novo vigário, o Cônego José Muniz Cabral Leal de Menezes, Colado em 03 de janeiro de 1866. Padre Muniz faleceu em 07 de junho de 1904 (SILVA, 2000). O segundo e terceiro vigário colado, eram possuidores de terra e tinham filhos, ambos deram origem a duas das diversas famílias tradicionais que compuseram a elite da cidade. A respeito da fragilidade do celibato, na colônia, Ida Lewkowitz afirma que “todo aparato da Igreja pra selecionar os postulantes a carreira religiosa, mais o processo educacional, não impediam as transgressões de ordem moral. O concubinato e a mancebia não foram incomuns no meio eclesiástico (1987, p.63)”.

Os dois párocos que constituíram família na Imperial Villa da Vitória, reconheceram a paternidade de seus filhos, tendo-os por legítimos, se preocupavam com as relações que destinavam a possível herança de seus descendentes, conforme observado no testamento e inventário do padre Cesário, pai de “Maria, Augusto, Venceslau, Amélia, Benvenuto, Olivia e José Leal de Menezes, havidos de sua companheira Bernarda Maria de Jesus”.¹ Como esses são inúmeras as famílias formadas por sacerdotes, talvez as regras instituídas para punição do concubinato eclesiástico só atingissem os sacerdotes mais pobres, já que os dois padres que temos aqui referentes, eram colados, recebendo salário e pertencendo a Ordem de Cristo.

Como coadjuutores na freguesia na última metade século XIX, vamos ter registrados nas notas de batismo e casamento, alguns sacerdotes, dois vigários encomendados, Antônio Joaquim Lisboa e Justiniano da Mota Matos. Um outro vigário que chegou à cidade em 1953, padre Bernardino Correia de Mello teve sua estadia interrompida em 1954, após se envolver em uma situação de adultério com uma rica

¹ Arquivo 1ª Vara Civil. Cx. Ano 1904. Inventários. Fórum João Mangabeira. Sob Tutela da UESB.

senhora da sociedade, Dona Maria Clemência. Essa situação levou a remoção do padre da freguesia².

É comum também que esses sacerdotes do século XIX, apareçam na documentação negociando terras e mesmo escravizados, se tornando senhores e criando gado, o padre Andrade, por exemplo foi dono da fazenda Santo Eloy (VIANA.1980). Os salários pagos pelo Estado eram poucos quando tratamos dos clérigos colados, o que ainda é pior para os vigários de simples encomenda que não recebiam salário, viviam apenas da cobrança dos serviços ministeriais, conhecidos como pés de altar. O povo achava isso injusto pois já pagavam ao estado os dízimos, dinheiro esse que nem mesmo os eclesiásticos tinham acesso, cabendo ao Estado tal administração (HAUCK, 2008).

As áreas de cuidado pastoral eram extensas, contudo, como nos relata SILVA (1982), “a matemática de subtrair territórios não parecia boa política aos olhos dos párocos atingidos que, contraditoriamente, pretextavam a vastidão de seus benefícios para a falta de assistência pastoral ao povo e resistiam à perda de fregueses (SILVA, 1982, p.46).” E em 16 de setembro de 1878, por lei n. 1.848, criava-se a Paróquia do Divino Espírito Santo dos Poções, - cujos territórios pertenciam a Paróquia de Nossa Senhora da Vitória da Vila da Conquista. O pároco colado da Vila de N. S. da Vitória não gostou da perda de territórios e escreveu ao Presidente da Província protestando através de uma carta, escrita dia 23 de junho de 1878³. Mas de qualquer modo a freguesia do Divino Espírito Santo foi instalada em setembro daquele ano.

CONCLUSÃO

A documentação apresentada sugere que no período Imperial, e primeiros 15 anos de República, o clero secular através dos sacerdotes colados da Imperial Vila da Vitória não fizeram mudanças significativas no tocante ao cuidado espiritual dos moradores do lugar, em meio a uma Igreja que estava passando por um momento de crise em sua relação com o Estado e mesmo o clero se via dividido entre sacerdotes apoiadores de ideias mais liberais e um outro que visava uma reforma tendo como base uma maior independência

² Arquivo 1ª Vara Cível. Livro do Tabelionato de Notas, nº 02; pag. 179 e verso. Fórum João Mangabeira. Sob Tutela da UESB.

³ . COSTA E SILVA, Candido da. 1982, p.47.

do Estado e tendo a espiritualidade com os olhos voltados para o Papa e a Santa Sé Romana.

REFERÊNCIAS

ANGELIS. *Efemérides Riopardenses*. Salinas: R & S Arte Gráfica, 1998. PIRES, Simeão Ribeiro. *Raízes de Minas*. Montes Claros, 1979.

AZZI, R. *A Sé Primacial de Salvador, A Igreja Católica na Bahia (15551-2001) VI. II-Período Imperial e Republicano*. Petrópolis- RJ. Editora Vozes, 2001.

COSTA E SILVA. C da. *Roteiro da vida e da morte: um estudo do catolicismo no sertão da Bahia*. São Paulo: Ática, 1982.

_____. *Os Segadores e a Messe: o clero oitocentista na Bahia*. Salvador: SCT, EDUFBA, 2000.

FRAGOSO, H. *A Igreja na Formação do Estado Liberal, 1840-1875*. In: BEOZZO, J. H. *História da Igreja no Brasil: A Igreja no século XIX*. Tomo II/2. Petrópolis: 1980.

HAUCK, J. F. *A Igreja na Emancipação, 1808-1840*. In BEOZZO, J. O. *História da Igreja no Brasil: A Igreja no Brasil no século XIX*. Tomo II/2. Petrópolis: 1980.

LIMA, L. L. da G. (org). *Mulheres, Adúlteros e Padres: História e Moral na Sociedade Brasileira*. In. LEWKOWICZ, I. *A fragilidade do celibato*. Rio de Janeiro: Dois Pontos Editora, 1987.

TANAJURA, M. *História de Conquista – Crônica de uma cidade*. Vitória da Conquista; Brasil Artes Gráficas, 1992.

TORRES, T. L. (1859-1896). *O Município da Conquista, Ba*. Vitória da Conquista- Ba. Memória Conquistense, Museu Regional da UESB, 1996.

VIANA, A L. *Revista Histórica de Conquista*. Vitória da Conquista: Gráfica do Jornal de Conquista Vol. 1 e 2. 1982.